

Línguas &
Letras

ISSN: 1517-7238
ESPECIAL / 2008
p. 147-158

LITERATURA E VIDA CULTURAL:
MEMÓRIA, ARTE E MÍDIA

**A TÉCNICA E A
IDEOLOGIA NAS
FICÇÕES ELETRÔNICAS**

SÉRGIO FERREIRA, Rogério de Souza¹

¹ *Doutor em Ciência da Literatura (Teoria Literária) pela UFRJ e Professor Adjunto na UFJF (MG).*

RESUMO: Como se sabe, o processo de elaboração de uma narrativa digital envolve a utilização de sofisticados recursos técnicos. Em nosso ponto de vista, análises literárias no meio eletrônico devem levar em consideração o papel exercido pela tecnologia, na consideração de que a linguagem técnica presente nos *softwares* encontra-se atrelada a determinadas visões ideológicas que, em maior ou menor intensidade, deixam marcas no arcabouço estético de histórias que se realizam no meio eletrônico. Em nossa tentativa de comprovar estes argumentos, recorreremos, inicialmente, a alguns pensamentos de Martin Heidegger e Herbert Marcuse que, antes mesmo da popularização do computador, já demonstravam suas preocupações com o surgimento da palavra digitalizada. Em seguida, situaremos a escrita digital à luz de conceitos teóricos da contemporaneidade que privilegiam a interpolação entre o domínio do *logos* e o domínio da *tékhnè*.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Técnica – Narrativa Digital – Ideologia

ABSTRACT: As it is known, the elaboration process of a digital narrative involves the use of sophisticated technical resources. In our point of view, literary analysis in the electronic medium must take into consideration the role performed by technology, considering that the technical language present in the softwares are connected to ideological visions which, in greater or lesser degree, leave marks in the aesthetic framework of the stories that take place in the electronic medium. In our attempt to demonstrate these arguments, we shall count on Martin Heidegger's and Herbert Marcuse's philosophical thoughts, being aware that both of them had already showed their concerns of the appearance of the digital word even before the popularization of the personal computer. Then, we intend to situate the digital writing in the light of contemporary theoretical concepts that highlight the associations between the domain of the *logos* and the domain of the *tékhnè*.

KEYWORDS: Technical Language – Digital Narrative - Ideology

Para o filósofo Martin Heidegger, houve uma malsinação do sentido original do que entendemos por “técnica”. Para sustentar seu argumento, ele recorre à etimologia e ao pensamento grego, dando a conhecer que esse termo deriva do grego *technikon*. Este vocábulo, por seu turno, leva a mesma significação de *epistemè*, ou seja, “velar sobre uma coisa, compreendê-la. *Technè* que dizer: conhecer-se em qualquer coisa, mais precisamente no facto de produzir qualquer coisa” (HEIDEGGER, 1999:21). Assim, *Technè*, na concepção original do termo, significaria conhecer-se no ato de produzir. Conhecer-se implicaria reconhecimento e saber ou, nas próprias palavras de Heidegger, “para falar de maneira elíptica e sucinta: *technè* não

é um conceito de fazer, mas um conceito do saber” (HEIDEGGER, 1999:22). Heidegger preocupa-se em deixar claro que a *technè* no entendimento dos gregos designava o saber mais abrangente com relação à natureza ou à totalidade das coisas.

Na verdade, já se interessava ele por esse assunto, conforme seu testemunho no ensaio “A Questão da Técnica”, também produto de palestra proferida em 1955. Aqui, vai mais fundo ainda em sua filosofia envolvendo o sentido original que os gregos conferiam à técnica, quando declara: “O conhecimento provoca a abertura. Abrindo o conhecimento é um desencobrimento” (HEIDEGGER, 2002: 17).

Até para Platão, prossegue Heidegger, *technè* revela-se conectada a *episteme*: ambas representando o conhecimento em seu sentido lato, no sentido de aí se localizar qualquer indício de abertura, de desvelamento. E quanto à essência da técnica moderna? Seria ela um tipo completamente diferente? Na opinião do filósofo alemão, a técnica moderna aponta igualmente para um desvendamento, mas que, diferentemente da anterior, não se realiza na condição de *poiesis* (produção, criação, formação) e sim por intermédio de uma “exploração” [*Herausfordern*] que se impõe à natureza. Outrora, exemplifica Heidegger, lavrar a terra implicava a preservação do terreno: o agricultor não desafiava o solo que cultivava. Atualmente, “uma outra posição também absorveu a lavra do campo, a saber, a posição que *dis-põe* da natureza. E dela *dis-põe*, no sentido de uma exploração. A agricultura tornou-se indústria motorizada de alimentação” (HEIDEGGER, 2002: 19). A partir do momento em que o homem se vale da natureza como laboratório, objetivando – com o recurso da técnica – extrair novas descobertas para a ciência, ele se distancia da essência do pensar, deixando de lado aquilo que lhe é mais peculiar e característico: o Ser.

Somos ainda informados de que a técnica moderna não representa um ato puramente humano, no sentido de depender da nossa livre vontade. Sua essência localiza-se no seu caráter de “com-posição” [*Ge-stell*], termo que “significa a força de reunião daquele por que põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo da dis-posição, como dis-ponibilidade” (HEIDEGGER, 2002: 24). Compreender tal processo não é fácil, pois ele próprio se “encobre e esconde”

a maior parte do tempo, além do fato de *Ge-stell*, semelhante à *poiesis*, caracterizar-se por ser um envio do destino [*Geschick*]. Nesta condição, sobrevém o risco da interpretação do desencobrimento de forma equivocada, representando um perigo para todos nós; a técnica em si não é perigosa, o que existe é o mistério de sua essência, ou o *Ge-stell*. Em conclusão, Heidegger inspira-se no verso do poeta alemão Hölderlin, “ora, onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva”, numa sugestão de que os perigos da técnica moderna podem ser combatidos pela arte, e mais precisamente, pela poesia.

As firmes convicções de Heidegger no que concerne à necessidade de recuperar a centralidade do ser, caminho que deve ser perseguido sempre por mediação da linguagem, revelam-se por excelência apropriadas em um estudo no qual literatura e informática se entrecruzam. A observância da filosofia heideggeriana no mundo do hipertexto representa um grande desafio, mormente quando lembramos que a contribuição do engenheiro ou analista na elaboração dos *softwares* destinados às ficções eletrônicas caracteriza-se, em última instância, por seu aspecto técnico, imprimindo, deste modo, um racionalismo indesejável a essa nova opção literária.

Já em relação ao termo “tecnologia”, nós nos afinamos com a visão de Hebert Marcuse, contemporâneo de Heidegger, que vivenciou os horrores da Segunda Guerra Mundial. No seu decidido propósito de prestar uma colaboração valiosa à luta contra o nazismo alemão, Marcuse produziu vários ensaios aos quais vincula as noções de totalitarismo, capitalismo e tecnologia, assim como outras formas potenciais de hegemonia cultural. Há quem o estude como um dos críticos pioneiros da tecnologia operando como instrumento de dominação nas sociedades industriais avançadas conforme se depreende do ensaio “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”, onde declara textualmente:

A tecnologia, como modo de produção, como a totalidade dos instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam a era da máquina, é assim, ao mesmo tempo, uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação (MARCUSE, 1999: 73).

Outro importante aspecto que sobressai nesse ensaio de Marcuse refere-se à distinção por ele estabelecida entre tecnologia e técnica. Enquanto a primeira carrega um forte componente ideológico, a outra torna-se veículo passível de “promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo” (MARCUSE, 1999: 74). Ao longo desse escrito, Marcuse reforça sempre essa diferença entre os dois termos, concluindo que a racionalidade tecnológica fomenta o conformismo e enfraquece a individualidade, ao passo que a técnica pode gerar riqueza para todos, reduzir o trabalho excessivo e propagar domínios da liberdade.

É de grande proveito a constatação de que, tanto Heidegger quanto Marcuse, mesmo situados em campos epistêmicos distintos, alertam-nos sobre os riscos de uma ótica instrumental da técnica, o que resultaria em distorção de seu verdadeiro sentido. Diferentemente de épocas passadas, quando ela revelava mas não fabricava, conduzindo para uma integralidade, hoje, a técnica é evocada tão somente para produzir e não mais para esclarecer, tendência que desvia o mundo moderno em direção ao obscurecimento e à alienação, enfatiza Heidegger. De Marcuse, subsistiu uma crítica mais equilibrada, no sentido de fugir à celebração da visão tecnicista como fator de libertação e progresso, ao mesmo tempo em que combate posições tecnofóbicas.

Vale a pena ressaltar que a perspectiva da escrita como tecnologia foi bem aceita pela literatura denominada “pós-moderna”. Em 1987, no ensaio “Toward a Concept of Postmodernism”, o crítico egípcio Ihab Hassan externa sua preocupação em mencionar a importância da tecnologia e da ciência nos domínios do pós-modernismo. Ao cotejar as vanguardas mais antigas com o nascente pós-modernismo, afirma que o último nos faculta uma “menor aversão ao popular, à sociedade eletrônica do qual ele é parte”, para em seguida dizer que “a ciência incorpora seu próprio modelo como a única realidade acessível, a cibernética nos faz confrontar com o enigma da inteligência artificial, e as tecnologias projetam nossas per-

cepções na borda do universo em retração ou dentro dos interstícios fantasmagóricos da matéria" (HASSAN, 1993: 282)².

Pouco antes, o francês Jean-François Lyotard, no seminal *A Condição Pós-Moderna*, publicada em Paris em 1979, relacionava a chegada da pós-modernidade com o surgimento de uma sociedade pós-industrial na qual o conhecimento se destacava como a força econômica mais importante. Afirmava aquele filósofo ser "razoável pensar que a multiplicação das máquinas informacionais afecta e afectará a circulação de conhecimentos" e que "a natureza do saber não sai intacta nesta transformação geral" (LYOTARD, 1989: 17). Ainda no escrito, o modo pelo qual Lyotard descreve as tecnologias de informação parece conter os mesmos termos empregados na descrição de pernas mecânicas ou braços artificiais. Com efeito, Lyotard insiste em declarar que as técnicas "são inicialmente próteses de órgãos ou de sistemas fisiológicos humanos que têm a função de receber dados ou de agir sobre o contexto" (LYOTARD, 1989: 91). Tendo por base esse ponto de vista, poder-se-ia credulamente proclamar que corremos o risco de, ao assimilarmos a palavra tecnologicada, estarmos criando uma dependência nunca antes imaginada da técnica para com a produção textual.

Perry Anderson, outro importante crítico contemporâneo, contrasta os diferentes enfoques dado à tecnologia nos últimos tempos, apregoando que ela ingenuamente sempre carrega a *facies* ideológica de seu criador:

(...) outrora, em júbilo ou alarmado, o modernismo era tomado por imagens de máquinas; agora, o pós-modernismo é dominado por máquinas de imagens. (...) Os novos aparelhos (...) são máquinas de perpétua emoção, transmitindo discursos que são ideologia emparedada, no sentido forte do termo. A atmosfera intelectual do pós-modernismo, de doutrina mais do que arte, tira muito do seu ímpeto da pressão dessa esfera. Porque o pós-moderno é também isto: um índice de mudança crítica na relação entre tecnologia avançada e o imaginário popular. (ANDERSON, 1999: 105).

² Tradução do autor. No original: "science takes its own models as the only accessible reality, cybernetics confronts us with the enigma of artificial intelligence, and technologies project our perceptions to the edge of the receding universe or into the ghostly interstices of matter".

Destarte, a contemporaneidade se apresentaria como o momento propício para as produções textuais em que a técnica se fizesse presente. A mudança de postura diante da tecnologia reclamada por Anderson facultaria que a mesma infestasse inúmeras áreas do saber, entre elas a literatura. Ao analisarmos a questão sob essa perspectiva, entendemos ser válido indagar se essas inovações técnicas repeliriam processos mais tradicionais de produção textual. Por isso, recorreremos ao famoso poema “Ode a uma Urna Grega”, do poeta romântico inglês John Keats, cujos últimos versos nos fazem uma advertência:

Quando a idade consumir os vivos de hoje,
 Tu permanecerás, em meio a outros tormentos,
 Outros que os nossos, a amiga do homem,
 A quem dizes: “Beleza é verdade, verdade beleza”,
 - Eis tudo que sabeis na terra, tudo que é mister saber.
 (KEATS, p. 45)

Essas linhas tão belas quanto sábias nos deixam ver que a escrita releva-se, entre outros atributos, pela qualidade de permanência e pela durabilidade que inculca em seus registros. É verdade que poderíamos transcrever as palavras de Keats sobre outros suportes e até mesmo hipertextualizando-as. Ocorre que toda a magia do poema se esvaeceria, a começar pelo título. A urna manifesta-se como o veículo ideal para acolher a imaginação do poeta, uma imaginação que questiona o tempo, a eternidade, o conceito de verdade. Ademais, nosso computador carece de história e de tradição, ausências insubstituíveis que causariam o divórcio entre forma e conteúdo.

Uma olhada no famoso e popular programa computacional “Storyspace”, utilizado nas já clássicas ficções eletrônicas *Patchwork Girl*, de Shelley Jackson e *Afternoon, a story*, de Michael Joyce, revela-nos que a linguagem empregada nesses *softwares* literários é rematada por uma especificidade exclusiva, por ser resultado de um adequado consórcio de conveniência entre as linguagens natural e técnica. Heidegger observou, com muita propriedade, que só a “língua permite ao homem ser este ser vivente que ele é enquanto homem” (HEIDEGGER, 1999: 30). Um dos questio-

naimentos expostos pelo pensador alemão concerne ao significado do ato de falar. Para ele, falar é, em síntese, dizer. Isto porque o silêncio, por exemplo, pode “dizer” mais coisas, ser mais significativo, do que um monte de “palavras”. Dizer, por seu turno, significa mostrar, ou “fazer ver e entender qualquer coisa, levar uma coisa a aparecer” (HEIDEGGER, 1999: 34). O homem só é capaz de dizer aquilo que se revela a ele de si próprio, aquilo que de si próprio se torna presente, se manifesta e a ele se encaminha. Neste processo de comunicação, o dizer como mostrar pode ser consumado de maneira tal que mostrar implica somente em dar sinais: “o sinal torna-se então uma mensagem e uma instrução acerca de uma coisa que, em si mesma, não se mostra” (HEIDEGGER, 1999: 35). É sabido que as convenções regem o emprego de sinais, como é o caso do código morse no qual os sinais só podem ser o ponto ou o traço, isto é, uma linguagem binária designada a confirmar ou negar procedimentos. As máquinas seriam idealizadas para funcionarem em razão destes sinais, na formação de mensagens, considerando-se que cada sinal e cada enunciado compreenderia somente um significado. Nessa dinâmica, a Língua acabaria por tornar-se informação, estando limitada a uma escrita abstrata e norteada por uma álgebra lógica. Os computadores fundamentam-se nessa passagem da Língua como dizer para a Língua como mensagem e como mera produção de sinais, ponto de transição este que conduziu o filósofo alemão ao seguinte raciocínio:

(...) são as possibilidades técnicas da máquina que prescrevem como é que a língua pode e deve ainda ser língua. (...) A natureza dos programas que podem servir de entradas para o computador, entradas com as quais podemos, como se diz, alimentá-lo, regula-se sobre o tipo de funcionamento da máquina. O modo da língua é determinado pela técnica. (HEIDEGGER, 1999: 36-37).

Para nós, o modo da língua ao ser demarcado pela técnica, conseqüentemente se submete a atender padrões específicos de operacionalização cujo *know how* pertence a grupos fechados constituídos por engenheiros, analistas de sistemas, programadores e agregados, que nem sempre estão dispostos a compartilhar suas descobertas, fórmulas ou mé-

todos com outros segmentos. Na tecnologia impressa, basta o escritor ter nas mãos caneta e papel para que sua história seja registrada, livre da obrigatoriedade de adoção de determinado estilo ou modelo literário, não tendo que observar senão as linhas da ética e praxe aceitas no contexto artístico em que milita. Na ficção eletrônica, fundamentada no *software* "Storyspace", o autor compõe sua narrativa a partir de uma estrutura em que a autoridade da língua técnica influi, de maneira poderosa e inevitável, naquilo que ele vai escrever. Na hipótese de não lograr dominar a técnica com a qual ele planeja desenvolver sua narrativa digital, ficará irremediavelmente subjugado pelos padrões e formatações implantados e ditados pelos senhores da informática. Já no início da década de 1960, Heidegger antevia a ingerência do linguajar técnico em atividades onde, até então, predominava soberana a "língua de tradição", clamando pela atenção de todos para a ameaça que essa transformação da língua estaria representando:

Com a dominação absoluta da técnica moderna cresce o poder – tanto a exigência como a eficácia da língua técnica adaptada para cobrir a latitude de informações mais vasta possível. É porque se desenvolve em sistemas de mensagens e de sinalizações formais que a língua técnica é a agressão mais violenta e mais perigosa contra o caráter próprio da língua, o dizer como mostrar e fazer aparecer o presente e o ausente, a realidade no sentido mais lato. (HEIDEGGER: 1999: 37).

Tanto é importante quanto justo ressaltar que grande parte da motivação de Heidegger para seu discurso sobre a descaracterização da língua perante a crescente disseminação de computadores nas atividades humanas, pode ser creditada a Norbert Wiener. O grande matemático norte-americano foi o responsável pelo aparecimento de um novo campo de estudos na década de 1940, por ele denominada de "Cibernética". Wiener depositava tamanha importância na capacidade de comunicação das máquinas e dos seres vivos que chegou a declarar que:

(...) a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades de comunicação de que disponha; e de que, no futuro desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, as mensagens entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre a máquina e a máquina, estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais importante. (WIENER, 2000: 16)

Em suas pesquisas, preocupou-se em estabelecer conexões entre a cibernética e a sociedade, ampliando seus estudos em tal extensão que hoje outras áreas do conhecimento englobadas pelas ciências humanas, como filosofia, psicologia e mesmo a literatura, podem tirar proveito de suas descobertas e conclusões. Os ciberneticistas sempre alimentaram a ambição de construir máquinas capazes de simular o comportamento dos seres vivos, inclusive o do ser humano. Rumo a tal escopo, os cientistas já conseguiram desenvolver *softwares* que, partindo de uma engenhosa combinação de palavras, organizam textos versando sobre os mais distintos assuntos e revelando tanta “criatividade” que ficamos na impressão de eles terem sido elaborados por escritores ou especialistas das áreas exploradas, e não por um programa computacional³.

Os desdobramentos desta interferência da língua técnica no fazer literário é percebido no tratamento dado à literatura eletrônica. Por ser produto cultural contendo forte componente tecnológico, ela tem sua origem em países reconhecidos por sua tradição científica. Ali, seus idealizadores buscam legitimá-la como obra de qualidade artística através de discursos e teorias que tendem, no decurso do tempo, a converter-se em paradigmas ou referência para esta nova forma literária. Não devemos, porém, esquecer o passado e deixar de lembrar que houve uma época em que as tecnologias introduzidas na literatura eram, conforme informa a professora especialista em literaturas em língua portuguesa, Ria Lemaire, “usadas pelas elites na propagação de suas visões de mundo e culturas, pelo próprio fato de serem escritas, eram apresentadas como civilizadas, superiores, e mais desenvolvidas” (LEMAIRE, 1994: 61).

Por fim, na perspectiva de que o discurso técnico embuta visões ideológicas e estéticas de seu centro irradiador, retornamos ao filósofo Hebert Marcuse que, citado por Jurgen Habermas afirmou que:

³ Um bom exemplo da suposta capacidade “criativa” do computador pode ser vista no endereço <http://www.csse.monash.edu.au/community/postmodern.html>, onde ensaios sobre pós-modernismo são elaborados por *softwares*.

A própria técnica é dominação metódica, científica, calculada e calculante (sobre a natureza e sobre o homem). Determinados fins e interesses da dominação não são outorgados à técnica apenas 'posteriormente' e a partir de fora – inserem-se já na própria construção do aparelho técnico; a técnica é, em cada caso, um projecto histórico-social; nele se projecta o que uma sociedade e os interesses nela dominantes pensam fazer com os homens e com as coisas. (HABERMAS, 2001: 46-47)

Assim sendo, acreditamos que a presença e força do tecnicismo nas composições literárias em hipertexto também trazem desdobramentos que não se restringem somente ao caráter estético, uma vez que o exercício e domínio do conhecimento de teor especializado não se caracteriza por ser neutro ou apolítico.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *A técnica e ciência como ideologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2001.
- HASSAN, Ihab. "Toward a Concept of Postmodernism". In: NATOLI, Joseph & HUTCHEON, Linda (eds.). *A Postmodern Reader*. New York: State Univ. of New York Press, New York Press, 1993, pp. 273-286.
- HEIDEGGER, Martin. *Língua de tradição e língua técnica*. Trad. Mário Botas. 2ª ed. Lisboa: Passagens, 1999.
- _____. "A Questão da Técnica". In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 11-38.
- KEATS, John. "Ode a uma Urna Grega". In: MARQUES, Oswaldino (org.). *O livro de ouro da poesia de língua inglesa*. Trad. Oswaldino Marques. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- LEMAIRE, Rita. Repensando a história literária. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 58-71.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. José Bragança de Miranda. Lisboa: Gradiva, 1989.

MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Trad. Maria Cristina Vidal Bora. São Paulo: Unesp, 1999.

WIENER, Nobert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 2000.